

COLEÇÃO ETNOGRÁFICA DE ESCRAVOS AFRICANOS DO EXTREMO SUL DO BRASIL¹

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2024.209803

ORCID
<https://orcid.org/0000-0001-8564-6844>

ANA PAULA LIMA SILVEIRA

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, 96010-610 -
ppgant.official.ufpel@gmail.com

RESUMO

Há três décadas as coleções etnográficas em museus foram alvo de críticas que problematizavam sua formação e suas narrativas sobre os povos a elas associadas. Esse debate se configura de diferentes formas. Muitas coleções foram (e ainda são) marcadas pelo colonialismo. Outras se constituíram no âmbito de pesquisas antropológicas. Paulatinamente processos de descolonização as reconfiguraram. Nesse sentido, antropólogos/as, museólogos/as e outros profissionais passaram a incorporar fazeres e saberes dos sujeitos/coletivos investigados. Práticas mais dialógicas incluem os povos como sujeitos em processos que reverberam novas formas de coletar, documentar, preservar e exibir as coleções. Muitos são os caminhos. Diferentes são os avanços e desafios a partir do sul global. Essas práticas se ancoram numa nova ética pautada pela efetiva participação das comunidades. Por outro lado, tais experiências parecem pouco afetar as políticas institucionais. Como aprender com os avanços dessas experiências e enfrentar os desafios de torná-las estruturantes nas instituições que preservam as coleções etnográficas? Como sistematizar e incorporar as contribuições de pesquisadores, especialmente antropólogos/as, na construção destes novos paradigmas? Esse artigo tem especial interesse em debater essas questões, como também as articulações que se constroem entre estas coleções e aquelas preservadas na Europa, como é o caso desta em Berlim, Alemanha.

PALAVRAS-CHAVE:

Antropologia;
Religiões Afro-
brasileiras;
Coleções
Etnográficas;
Museus.

¹ A primeira versão deste texto fez parte de meu anteprojeto de doutorado submetido ao PPGANT – UFPel durante seu processo de avaliação em 2022.

ABSTRACT

During three decades ethnographic collections in museums have been the target of criticism that questioned their formation and their narratives about the communities associated with them. This debate takes shape in different ways. Many collections were (and still are) marked by colonialism. Others were constituted in the context of anthropological research. Gradually decolonization processes reconfigured them. In this sense, anthropologists, museologists and other professionals began to incorporate practices and knowledge from investigated subjects/collectives. More dialogical practices include people as subjects in processes that reverberate new ways of collecting, documenting, preserving and displaying collections. Many are the paths. Different are the advances and challenges from the global south. These practices are anchored in a new ethic guided by the effective participation of afro-descendant communities. On the other hand, such experiences seem to have little effect on institutional policies. How can one learn from the advances of these experiences and face the challenges of structuring them in institutions that preserve ethnographic collections? How to systematize and incorporate the contributions of researchers, especially anthropologists, in the construction of these new paradigms? This article is particularly interested in discussing these issues, as well as the articulations that are built between these collections and those preserved in Europe, such as the case of this one in Berlin, Germany.

KEYWORDS:

Anthropology;
Afro-Brazilian
Religions;
Ethnographic
Collections;
Museums

1. INTRODUÇÃO

No bojo da constituição dos estudos de etnologia, diversos viajantes e cientistas alemães desembarcaram no Brasil durante o século XIX e início do XX, tendo alguns deles contribuído expressivamente para a ampliação e organização de coleções etnográficas, sua grande maioria agrupadas atualmente no Museu Etnológico de Berlim (*EM – Ethnologisches Museum*)². Dentre essas coleções etnográficas, encontra-se uma de meu particular interesse, retrato ímpar da religiosidade afro-brasileira, que abarca um conjunto de objetos rituais provavelmente de escravos africanos contrabandeados para o extremo Sul do Brasil. Contando com originalmente 67 artefatos de rituais afro-brasileiros³, tem sua origem no estado do Rio Grande do Sul e chegou a Berlim em 1880, doada ao então Museu Real de

2 O Museu Etnológico de Berlim tem por objetivo central apresentar o espectro da arte e da história cultural de povos não-europeus que, em conjunto com o Museu de Culturas Europeias (*MEK – Museum Europäischer Kulturen*) apresenta a história cultural e contemporânea da Europa. Ambos os museus buscam explorar cientificamente seus recursos no intuito de permitir a existência de investigação científica sobre as coleções com vistas à documentação e disponibilidade ao público. O primeiro em questão exhibe artefatos etnológicos das sociedades pré-industriais, em particular pré-hispânicas da América, mares do Sul e África Ocidental (SMB, 2007, p.11-2).

3 Esse número se refere à Lista de Objetos da Coleção Pietzcker (Slg. Pietzcker 1880), de acordo com os Livros de Inventário de Etnologia Americana (*Inventarbücher der Studiensammlung Amerikanische Ethnologie*) e Atas de Aquisição do Museu Real de Etnologia (*Erwerbungsakten aus Amerika Vol.6 und Vol.7, 1879-1881*). Os itens indicados abaixo com (*) asterisco não se encontram mais disponíveis, constando nas Fichas de Catalogação (*Karteikarten*) como “perdas de guerra” (*Kriegsverluste*). São eles: VB 257*, VB 262*, VB 264*, VB 266*, VB 267*, VB 269*, VB 275*, VB 284*, VB 285*, VB 286*, VB 317*, VB 321* (KARG, 2007, p. 40-1).

Etnologia (*Königliches Museum für Völkerkunde*)⁴ pelo comerciante-viajante alemão *Wilhelm Pietzcker*. Esta é a única coleção afro-americana em Berlim e uma das mais antigas presentes em qualquer museu europeu.

Pode ser considerada como uma das mais extraordinárias de seu gênero por dois motivos: primeiro, porque foi adquirida durante o período de escravidão no Brasil e, segundo, porque não o Sul, mas sim o nordeste do Brasil, especialmente o estado da Bahia, é conhecido como o “berço” da religiosidade afro-brasileira. Isso significa que esses objetos são importantes documentos do período de formação dos ritos afro-gaúchos. Os escravos africanos no RS vieram, em sua maior parte, de grupos étnicos de língua bantu de Angola e da área do Congo (ORO 2002). Suas noções de fé sobreviventes no extremo sul do Brasil são chamadas de Batuque, sendo o mais conhecido o Candomblé da Bahia, mais ao norte. As diferenças entre o batuque e o candomblé decorrem das diferentes origens étnicas dos escravos africanos. Entre os artefatos da coleção estão insígnias (ferramentas de orixás), adornos rituais de iniciados (colares, pulseiras, chapéus), recipientes (de uso sacrificial), figuras ‘antropomórficas’ como bonecas, instrumentos musicais como adjás (sinos), entre outros. A maior parte dos objetos é ornamentada com búzios, elemento decorativo de origem africana, alguns deles quase completamente cobertos pelos mesmos. Exercer rituais de matriz africana constituía ato proibido no Brasil durante o século XIX. Mesmo assim eram realizados em segredo em terreiros, onde a polícia costumava reprimir continuamente (LÍRIO DE MELLO 1994)⁵. Confiscados durante uma grande invasão policial a uma reunião religiosa secreta dirigida por um “mago negro” (*Neger Zauberer*) à cerca de 100 negros e negras⁶, os artefatos teriam permanecido apreendidos em uma delegacia da província riograndense, destinados à destruição, até serem adquiridos pelo colecionador por meio de uma suposta “doação ao hospital local” (Hermannstädter, 2002 :25), cuja contribuição permitiu retirá-los de seu contexto original e enviá-los como “presente de acolhida” ao então recém diretor do *Königliches Museum für Völkerkunde*, o etnólogo Adolf Bastian⁷, considerado o pai fundador da disciplina *Völkerkunde* (antropologia alemã).

4 O museu receberia, em seguida, novas instalações com a construção de um novo prédio entre os anos de 1880 a 1884, mas cuja inauguração veio a se dar somente em dezembro de 1886 (FISCHER, BOLZ & KAMEL, 2007).

5 Tendo realizado extensa pesquisa em jornais de Pelotas e Rio Grande do início do século XIX, o historiador pelotense Marco Antônio Lírio de Mello (1994, 1995) atestaria que a presença do batuque nesta região já existia desde o início do século XIX. De fato, a partir das décadas de 70 e 80 do mesmo século, os jornais da região de Pelotas e Rio Grande apresentam, com alguma regularidade, em suas páginas policiais, matérias sobre cultos de matriz africana. Nos jornais *Correio Mercantil* e *Jornal do Comércio*, de Pelotas, bem como no jornal *Gazeta Mercantil* de Rio Grande, por exemplo, podem ser lidas recorrentes prisões de “feiticeiros” e “feiticeiras” (cfe. *Jornal do Comércio*, Pelotas, 9 abr. 1878; *Correio Mercantil*, Pelotas, 15 mar. 1877). Já em Porto Alegre, as notícias relativas ao Batuque datam da segunda metade do século XIX, quando supostamente teria se dado a migração de escravos e ex-escravos da região de Pelotas e Rio Grande para a capital (ORO 2002, p. 349).

6 Conforme mencionado na própria carta escrita por Wilhelm Pietzcker a Adolf Bastian. Fonte: *Erwerbungsakten aus Amerika Vol. 6/1987-80 (EM)*.

7 Diretor do museu etnográfico de Berlim de 1873 a 1905.

2. O MUSEU ETNOLÓGICO DE BERLIM

FIGURA 1.

Ethnologisches
Museum Berlin
(2012).

Fonte: acervo de
pesquisa.

FIGURA 2.

Ethnologisches
Museum Berlin
(1886), recém
fundado em
Berlim.



FIGURAS 3, 4, 5.

Equipe de trabalho
do Museu (2011 –
2012).

Fonte: acervo de
pesquisa.

Pesquisadora
Restauradora: Frau
Helene Tello.
Pesquisador
Colaborador: Herr
Malareck.



Embora a coleção tenha chegado a Berlim em julho de 1880, ela só viria a ser conhecida durante a exposição “*Deutsche am Amazonas – Forscher-oderAbenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800-1914*”⁸ ocorrida em 2002 no Museu Etnológico de Berlim. Esta exposição tratava justamente deste

⁸ “Alemães na Amazônia – Pesquisadores ou Aventureiros? Expedições no Brasil 1800-1914” [tradução]. Exposição Temporária no Museu Etnológico de Berlim de 18.04.2002 a 10.11.2002.

olhar alemão sobre uma sociedade cuja organização em tudo diferia dos parâmetros até então conhecidos. Ela trouxe pela primeira vez ao alcance do público o maior acervo de objetos etnográficos brasileiros existentes fora do país (Elias, 2002, p. 18). Cerca de uma década antes da abolição da escravidão se dar, os artefatos retratam o ambiente social e histórico dos escravos africanos no Sul do Brasil, estando entre os mais antigos e raros testemunhos da religião afro-brasileira (PINTO 2002; HERRMANS-TÄDTER 2002).

Tendo sido objeto de estudo do etnomusicólogo brasileiro Tiago de Oliveira Pinto (2002) em uma primeira ocasião e, logo em seguida, da etnóloga alemã Silke Karg (2007), pode-se afirmar que a coleção Pietzcker (*Sammlung Pietzcker 1880*) recebeu certa atenção de ordem investigativa. Como exemplo disso, o artigo intitulado “*Religiöse Kultobjekte afrikanischer Sklaven in Brasilien*” publicado no catálogo da exposição pioneira⁹ atenta pela primeira vez para o mais antigo documento histórico dos cultos religiosos de escravos africanos no Brasil existente em um museu. O empenho do autor por uma tentativa de recontextualização etnográfica dos objetos históricos adota, contudo, como universo empírico de referência um contexto regional completamente distinto – neste caso São Paulo e Rio de Janeiro – daquele de sua real procedência. Diferentemente de Karg (2007) cujo artigo “*Afro-brasilianische Kultobjekte aus Rio Grande do Sul – die Sammlung Pietzcker*” denota, apesar da ausência de uma proposta etnográfica, uma contextualização historiográfica de maior consistência fruto de pesquisa intensiva advinda de um estágio de dois anos da etnóloga junto ao museu, Tiago Pinto (2002) se envereda por uma análise distinta, de cunho etnográfico, baseada em possíveis comparações entre o conjunto de objetos do passado com os objetos e utensílios rituais do “presente”, provocando a inserção de registros visuais da coleção em contexto etnográfico, isto é, diante de alguns sacerdotes de religião (nesse caso, sacerdotes de candomblé). Importantes suposições são levantadas em uma primeira tentativa de categorização dos artefatos que parte desde a descrição dos materiais utilizados em sua confecção, dos usos e significados que cada um adquire tendo por referência a mitologia dos orixás e as suas simbologias, bem como os territórios que os envolvem e a que pertencem.

9 „Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914“. In: *Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin*, N.F. 71, Fachreferat Amerikanische Ethnologie IX. Staatliche Museenzu Berlin – Preußischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2., unveränd. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p. 56-65. [2002]

3. OS ARQUIVOS: ATAS DE AQUISIÇÃO DA AMÉRICA E DOCUMENTAÇÃO

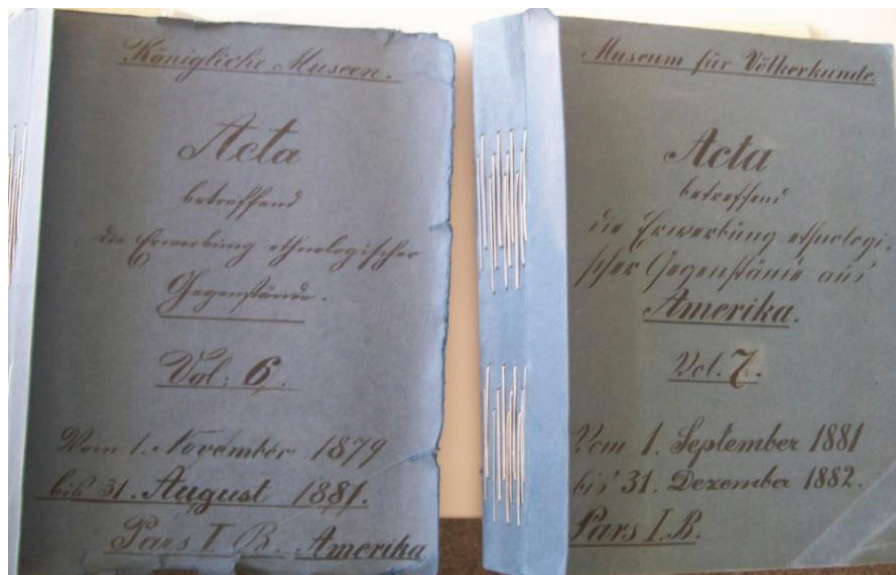


FIGURA 6.

Atas de Aquisição
do Museu Real
de Etnologia.
(*Erwerbungsakten
aus Amerika Vol.6
und Vol.7,
1879-1881*).

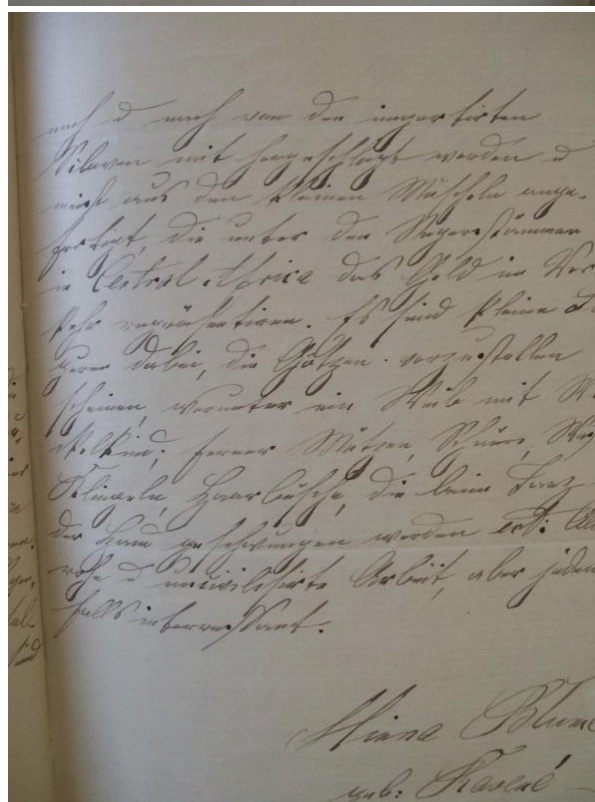
Fonte: biblioteca do
museu etnológico.

Mas, neste caso em particular, com esta coleção de artefatos da religiosidade afro-brasileira, como seria possível utilizar determinados objetos, transformados em “documentos” e mantidos em um museu particular, como “fonte”, “texto” e pretexto para um encontro etnográfico? Seria possível experimentar um tipo particular de diálogo, relação e encontro etnográfico a partir de práticas supostamente limitadas aos pesquisadores de arquivos e historiadores, tais como “ler documentos” e/ou “ver imagens/objetos”? Como compartilhar a experiência solitária e, por vezes, autoritária de ler, decifrar e interpretar o que se abriga em coleções e arquivos? Até que ponto registros feitos por outrem sobre o nosso passado colonial, transformados pelos regimes de verdade próprios dos arquivos e museus, poderiam “fazer sentido” e incitar a produção de novas narrativas, não só sobre o passado convertido em “documento”, mas também sobre o presente tornado relevante e sujeito a novas leituras e encontros? É justamente inspirada por esses questionamentos que proponho aqui refletir sobre as ambiguidades e tensões derivadas da experiência etnográfica vivenciada num campo igualmente marcado pelos encontros e relações diversas de conhecimento: o museu e o arquivo (CUNHA 2005, p. 17).

De um ponto de vista metodológico, a proposta ora aqui presente reflete sobre o uso de fontes arquivísticas na pesquisa antropológica e sua relação com a produção etnográfica. Propõe, em outros termos, também uma “etnografia do/nos arquivos” (CUNHA 2005; CASTRO & CUNHA 2005), cujo esforço implica em uma releitura dos significados atribuídos às

coleções etnográficas e de seus usos na pesquisa de campo e na etnografia. Cunha (2004), em um texto a propósito dos arquivos da antropóloga norte-americana Ruth Landes, identifica um *locus* de ambiguidade inerente ao arquivo: onde começa e termina – no caso de Ruth Landes como, arriscaria eu, de qualquer outro profissional – o domínio do “pessoal” e o domínio do “profissional” (idem, p. 296). Esta ambiguidade não é solúvel pela própria classificação arquivística; distinguir “arquivo pessoal” de “arquivo etnográfico” parece, pelo contrário, iludir o fato de qualquer arquivo – uma hipótese que gostaria de contrapor – conter as fontes para sua interpretação etnográfica. Conforme observam os antropólogos Celso Castro e Olívia Maria da Cunha (2005), cada vez com mais intensidade, antropólogos têm realizado um tipo de trabalho de pesquisa – nos arquivos e sobre arquivos – tradicionalmente associado a historiadores ou arquivistas. Além de utilizar arquivos como fonte de conhecimento para a produção de suas análises, desde, pelo menos, os anos 1980, os antropólogos têm refletido sobre a natureza de registros documentais transformados em *fontes* e, em alguns casos, têm produzido e/ou organizado arquivos e coleções a partir de uma perspectiva antropológica¹⁰.

10 Ainda assim, persiste, entre o público em geral e no mundo acadêmico (mesmo entre os próprios antropólogos), a ideia de uma associação privilegiada da antropologia com um modelo de pesquisa de campo consagrado desde a clássica introdução de Malinowski a *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de 1922.



Carta escrita por
Frau Minna Blume
(intermediária
de *Herr Wilhelm*
Pietzcker),
descrevendo os
objetos e dirigida
ao então Fundador
do museu *Herr*
Adolf Bastian. (VB
304a; VB 304b).

A questão é que, neste caso em especial, tratam-se ainda de objetos sagrados da religiosidade afro-brasileira retirados de seu contexto original (Rio

Grande/Rio Grande do Sul no ano de 1880) por um viajante-comerciante alemão. Segundo as atas de aquisição das Américas presentes e estudados por mim no Museu (e conforme constam na *Nota de Rodapé 12*) indicam em tudo uma rede de relações muito bem traçadas por alemães com diferentes interesses e de diferentes origens em busca de materiais no mínimo “interessantes” no intuito de compor os “gabinetes de curiosidades” do que viria a se tornar o primeiro Museu de Etnologia Alemã, em Berlim, com data de fundação de 1886 e que Adolf Bastian idealizava como sendo “*Um Arquivo Universal da Humanidade*” (Fischer, Bolz & Kamel, 2007).

4. OBJETIVO GERAL E UNIVERSO DA PESQUISA

Já quanto ao objetivo geral desta proposta de trabalho, busco compreender as narrativas de mulheres afrodescendentes provenientes de comunidades afro-religiosas locais do extremo sul brasileiro (Rio Grande, São José do Norte e Pelotas) acerca de imagens de tais artefatos rituais de cultos de matriz africana retirados de seu contexto original em 1880, disponíveis na referida coleção berlinense, sendo necessário para tais fins apresentar e cruzar com a documentação (imagens dos artefatos e atas de aquisição do museu, principalmente) existente na Alemanha, discutindo o contexto religioso dos objetos, descrevendo-os em conjunto com suas simbologias, trazendo-os para uma imersão etnográfica junto a tais comunidades afro-gaúchas (ver exemplo a seguir).

FIGURA 8.

Registro visual de trabalho de campo.

Interlocutoras:
Eneida de Oxalá
e *Rosa do Bará*.

Terreiro: *Reino de Iansã e Cabocla Juremita* (Rio Grande/RS).
(Agosto/2022).

Fonte: acervo de pesquisa.



O universo empírico que trago ora aqui neste artigo se trata de um recorte; recorte de minha proposta de tese (em andamento). A esta altura se faz relevante tanto do ponto de vista arquivístico quanto do ponto de vista etnográfico e museológico, também articular este estudo de caso, cuja contribuição só vem ao encontro do desenvolvimento de uma temática até os dias de hoje esparsamente documentada. A história da escravidão

africana e seus rituais religiosos no extremo Sul do Brasil ainda permanecem lacunas nos estudos da área. Trabalhando com uma combinação de novas fontes, estou conduzindo – para além da já realizada etnografia de arquivos e de museus na Alemanha – uma tentativa de (re)contextualização etnográfica da coleção junto às comunidades de afrodescendentes estudadas anteriormente (SILVEIRA 2020).

5. A CATEGORIZAÇÃO DOS ARTEFATOS RITUAIS CONFORME O MUSEU

Um propósito central de uma etnografia do museu é articular, ao correr do tempo, os formatos móveis das redes de agentes sociais que em torno do museu e através dos arquivos vão se formando, reformando e alterando. As relações que entre si e com o arquivo estabelecem; as posições relativas que vão ocupando e permitindo práticas específicas nessa configuração. Já os objetos, quaisquer objetos – é outro fator heurístico da análise de artefatos – são agentes sociais. Não porque sejam, por si próprios, dotados de intencionalidade, mas por atuarem por delegação humana (GELL 1998) e, usualmente, em associação com agentes humanos. Em torno de qualquer objeto se sustenta uma rede de agentes, humanos e não humanos, que animam a materialidade do mesmo numa relação de determinação mútua (LATOUR 1989 e 1991). Abaixo é possível se vislumbrar a categorização dos objetos da coleção Pietzcker, conforme consta nas atas e documentação do Museu Etnológico de Berlim, com exceção das imagens a seguir cuja representação material (pedra) pode ser considerada o próprio Orixá “vivo”, tendo em vista que recebe a força vital “axé” por meio de sacrifícios contendo sangue que o alimenta, o que, por conseguinte alimenta o “santo” de um determinado *filho-de-santo*.



FIGURAS 9 E 10.
Acutá para o Orixá
Xangô.
Fonte: acervo
museu etnológico.

5.1. INSÍGNIAS SAGRADAS (FERRAMENTAS DOS ORIXÁS)



VB 268 – Espada para Ogum.



VB 263 – Faca com adjá para Ogum.



VB 273 – Ieruxin para lansã (crina de cavalo).



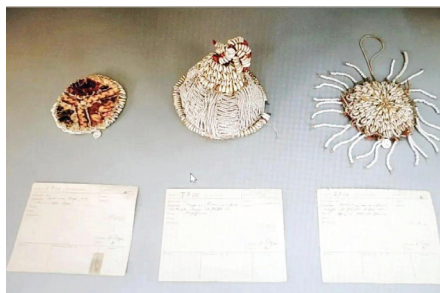
VB 268 – Oxê para Xangô.

FIGURAS 11 A 14.
Fonte: acervo
museu etnológico.

5.2. ADORNOS RITUAIS DOS INICIADOS



VB 283, VB 315, VB 320
Pulseiras dos Iniciados



FIGURAS 15 E 16.
Adornos. Pulseiras
e chapéus (acima).
Fonte: acervo
museu etnológico.

5.3. RECIPIENTES SACRIFICIAIS



FIGURAS 17 E 18.
Fonte: acervo
museu etnológico.

VB 288, 289 – Recipiente sacrificial aos orixás, de duas partes com representação de uma cabeça com dois chifres.



VB 296 – Recipiente sacrificial aos orixás, feito de madeira e revestido com búzios e miçangas.

5.4. FIGURAS ANTROPOMÓRFICAS



FIGURAS 19 E 20.
Fonte: acervo
museu etnológico.

VB 271 – Boneca de madeira revestida de tecido vermelho. Figura feminina com criança embaixo de um dos braços.



VB 302 – Boneca de madeira, revestida de tecido vermelho. Figura masculina, carregando um machado embaixo de um dos braços.

5.5. INSTRUMENTOS MUSICAIS

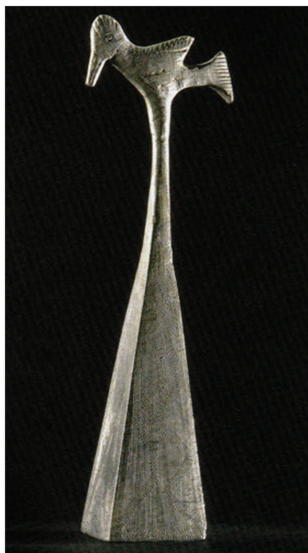
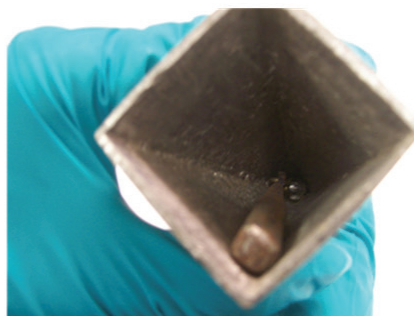


FIGURA 21.

Adjá.

Fonte: acervo
museu etnológico.



VB 255 – Adjá (sino) de estanho, com figura de pomba.

5.6. CATEGORIAS OUTRAS E/OU DESCONHECIDAS



FIGURA 22.

Objeto sem uso
aparente.

Fonte: acervo
museu etnológico.

VB 308 – Behälter

Sobre o caráter e a metodologia de pesquisa pode ser afirmado que o ‘campo’ são os arquivos e a coleção etnográfica depositada no Museu Etnológico de Berlim. Neste caso, o recorte a ser estudado se encontra em documentos, objetos, atas, correspondências, narrativas e relatos de viagem, conforme vimos anteriormente¹¹. Como se trata também de material histórico foi necessário combinar métodos históricos de pesquisa com abordagens antropológicas de observação e interpretação (DÜLMEN 2001). Além disso, o ‘campo’ teve de ser “multilocalizado”, como na proposta etnográfica de Marcus (1986, 1995). Na verdade, a proposta acaba reunindo uma pluralidade de aportes metodológicos – uma vez que tal objeto exige uma combinação de diferentes abordagens que vão desde a arquivística, a historiográfica até a etnográfica – cuja investigação buscará seguir as linhas interpretativas do que se denomina na Alemanha *Empirische Kulturwissenschaft* (Ciências Culturais Empíricas)¹² também conhecida por Antropologia Cultural, caracterizada pela combinação de particular abordagem empírica em conjunto com o uso de métodos qualitativos. “Por esse viés, a pesquisa em arquivo não aparece como antítese da pesquisa de campo, e sua transformação em uma etnografia não é vista com ceticismo” (CUNHA 2004, p. 293).

6. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A esta altura cabe fazer uma síntese deste artigo. Em breves palavras, procurei estabelecer alguns princípios de análise de objetos com base no exercício etnográfico. Explorei o exercício etnográfico como uma prática relacional, que envolve riscos, mas que tem as vantagens de uma grande plasticidade na inventariação e análise de contextos sociais, os quais por sua vez, existem apenas sem relação. Os “objetos”, como mencionado anteriormente, são “coisas” (Ingold). A vantagem de pensar o “objeto” como “coisa material” reside na possibilidade de retirar dele as condições – que ele próprio encerra – de sua análise etnográfica. Essa análise implica transcender as fronteiras de que o objeto se entetece e com as quais se nos apresenta em forma terminada. Uma etnografia

11 Foi dada prioridade às atas de aquisição do museu no período compreendido entre 1878 e 1886 e às correspondências oficiais de Adolf Bastian com as supostas redes de contatos internacionais traçadas entre Berlim, Hamburg e a então Província do Rio Grande do Sul, rede esta formada por colecionadores, comerciantes, diplomatas, cientistas, entre outros.

12 Nesse caso, portanto, as Ciências Culturais Empíricas percebem a cultura como o permanente arranjo de regras e significados, de acordo com os quais grupos e sociedades vivem em conjunto, comunicam-se e também distinguem-se uns dos outros, como eles lidam com o patrimônio natural e cultural e que imagem eles próprios têm dessas relações. Aliada a essa combinação de métodos da Antropologia Cultural (*Volkskunde*) e da Etnologia Alemã (*Völkerkunde*). Por possuir uma variedade de domínios de investigação, a abordagem metodológica que lhe acompanha pode incluir desde a investigação de fontes de arquivo e a análise da cultura material, bem como a pesquisa de campo com uso de imagens, análise de fotografia e de vídeos, assim como análise do discurso. Como ciência com particular abordagem empírica, também se utilizam métodos qualitativos, tais como pesquisa de campo, observação participante, “entrevistas narrativas” – e “descrições densas”.

do/no “museu” e/ou do “arquivo” implicam tomá-los por pontos nodais de redes sobrepostas de relações sociais. É, nessa medida, uma etnografia de destituição.

Implica partir deles e destituí-los, permanentemente, de sua condição de coisa terminada, e procurar – nas suas prateleiras, gavetas, fichas, textos, imagens, registros, anotações e por aí a fora – os enunciados de sua própria constituição; procurar os ritmos da progressiva acumulação, ou reformulação de seus materiais e acompanhar os agentes que mobilizaram critérios de relevância; compreender as razões de suas escolhas; contextualizar as condições de sua aplicação; inventariar as redes de circulação de práticas, sujeitos e ações que foram gravitando em torno do “arquivo”, incluindo nelas as que ultrapassam seu âmbito, mas, eventualmente, afetam sua dinâmica. A mesma analogia também se pode fazer com relação à uma etnografia do museu, conforme se pôde vislumbrar ao longo do artigo. O que seria – acredito – exercer de um modo exaustivo as possibilidades da etnografia de um arquivo e de um museu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Appadurai, Arjun. “Archive and Aspiration”. In: Brouwer, Joke; Mulder, Arjen (ed.). *Informationis Alive*. Rotterdam: V2_Publishing/NAI Publishers, 2003. Disponível em: www.appadurai.com/pdf/arch_esp.pdf. Acesso em: 27 de maio 2011.
- Bastide, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971. [1960]
- _____. *Estudos Afro-Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. [1953]
- _____. *The African Religions of Brazil. Toward a Sociology of the Interpenetration of Civilizations*. Baltimore & London: John Hopkins University Press, 1978.
- Boas, Franz. *Antropologia Cultural*. 6ª ed. (Tradução Celso Castro). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- Bolz, Peter. „Feldforschung in Berlin: Yup'ik-ÄltesterforschenihreeigeneKulturimEthnologischen Museum”. In: *Baessler-Archiv N.F.52*, p. 209-212, 2004.
- Cacciatore, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros. Com origem das palavras*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Instituto Estadual do Livro, 1977.
- Castro, Celso & Cunha, Olívia Maria Gomes da. “Quando o campo é o arquivo”. In: *Estudos Históricos* n° 36, p. 3-5, Rio de Janeiro, 2005.
- Clifford, James. “Museums as contact zones”. In: *Routes, Travel and Translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press, 1997.
- Corrêa, Norton F. *Os vivos, os mortos e os deuses: um estudo antropológico sobre o batuque do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS), 1988.
- _____. “Panorama das Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul”. In: Oro, Ari Pedro (org.). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994. p. 9-46.
- Costa, Maria Cristina C. “Etnografia de arquivos – entre o passado e o presente”. In: *Matrizes* Ano 3, N° 2, jan./jul., 2010, p. 171-186.
- Cunha, Olívia Maria Gomes da. “Tempo Imperfeito: uma etnografia de arquivo”. In: *Mana* 10(2), p.287-322, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v10n2/25162.pdf>.

- _____. "Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografia do/nos arquivos". In: *Estudos Históricos* n° 36, p.7-32, Rio de Janeiro, 2005.
- Dos Anjos, José Carlos Gomes. *No território da Linha Cruzada: A cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Ed. UFRGS e Fundação Cultural Palmares, 2006. [1993]
- Dülmen, Richard van. *Historische Anthropologie*. 2. Aufl. (UTB für Wissenschaft, 2254). Köln, Weimar, Wien: Böhlau, 2001.
- Eisleb, Dieter. "Abteilung Amerikanische Archäologie". In: *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv N.F. XXI*, 1973. p. 175-217.
- Fienup-Riordan, Ann. *The Living Tradition of Yup'ik Masks: Agayuliyararput (Our Way of Making Prayer)*. Seattle, London: University of Washington Press, 1996.
- _____. "Yup'ik Elders in Museums: Fieldwork Turned on Its Head". In: *Arctic Anthropology* Vol. 35, N° 2, No Boundaries: Papers in Honor of James W. Vanstone (1998), p. 49-58. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40316487>.
- _____. "Yup'ik Elders in Museums: Fieldwork Turned on Its Head". In: Laura Peers and Alison K. Brown (eds.). *Museums and sources communities: A Routledge Reader*. London, New York: Routledge, 2003, p. 28-41.
- _____. (ed.). *Ciuliamta Akluit/ Things of our Ancestors: Yup'ik Elders explore the Jacobsen Collection at the Ethnologisches Museum Berlin*. (Translated by Marie Meade). Seattle, London: University of Washington Press, 2005a.
- _____. *Yup'ik Elders at the Ethnologisches Museum Berlin. Fieldwork Turned on Its Head*. (Foreword by Peter Bolz). Seattle, London: University of Washington Press, 2005b.
- Fischer, Manuela; Bolz, Peter and Susan Kamel (Eds.). *Adolf Bastian and His Universal Archive of Humanity. The Origins of German Anthropology*. Hildesheim, Zürich, New York: Georg Olms Verlag, 2007.
- Fonseca, Maria Cecília L. *A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Iphan: antecedentes, realizações e desafios*. In: SCHLEE, Andrey R. (org.) *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n° 35, 2017. p. 158-170.
- Frank, Erwin H. "Viajar é preciso. Theodor Koch-Grünberg e a Völkerkunde alemã do século XIX". In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, v. 48, n° 2, p.559-584.
- Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2ª ed./4a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Goldstein, Ilana. "Reflexões sobre a arte 'primitiva': o caso do Musée Branly". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre ano 14, n. 29, p. 279-314, jan./jun. 2008.
- Haas, Richard. *Brasilien an der Spree: Zweihundert Jahre ethnographische Sammlungen in Berlin*". In: *Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin, N.F. 71, Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteuer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Staatliche Museen zu Berlin - Preussischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2., unveränd. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p.16-25. [2002]
- Hartmann, Horst. "Abteilung Amerikanische Naturvölker". In: *100 Jahre Museum für Völkerkunde Berlin. Baessler-Archiv N.F. XXI*, 1973. p. 219-258.
- Hermannstädter, Anita. "Brasilien - Land der Zukunft. Naturkundliche Expeditionen 1800-1831". In: *Veröffentlichungen des Ethnologischen Museums Berlin, N.F. 71, Deutsche am Amazonas - Forscher oder Abenteuer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Staatliche Museen zu Berlin - Preussischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2., unveränd. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p. 26-43. [2002]
- _____. "Symbole kollektiven Denken. Adolf Bastians Theorie der Dinge". In: Idem, *ibidem*. p. 44-55.
- _____. "Abenteuer Ethnologie: Karl von den Steinen und die Xingú-Expeditionen". In: Idem, *ibidem*. p. 66-85.
- _____. "Eine vergessene Expedition. Wilhelm Kissenberth am Rio Araguaya 1908-1910". In: Idem, *ibidem*. p. 106- 131.

- Hermannstädter, Anita. „Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer? Expeditionen in Brasilien 1800– 1914. Auseinandersetzung mit fremden Lebenswelten. Sonderausstellung im Ethnologischen Museum Berlin vom 18.4.–10.11.2002“. In: *Deutsch-Brasilianische Hefte. Tópicos 3/2002*. Berlin, Bonn: eine Publikation der Deutsch-Brasilianischen Gesellschaften V. und des Lateinamerika-Zentrums, 2002, p. 22–25.
- Herskovits, Melville. „Deuses Africanos em Porto Alegre“. In: *Revista Província de São Pedro*, n.º. 11 (mar/jun). Porto Alegre: Ed. Globo, 1948. p. 63–70.
- Junge, Peter (Org.). *Museum Guide. Ethnologisches Museum Berlin*. Berlin: Prestel Verlag, 2007.
- Karg, Silke. „Afro-brasilianische Kultobjekte aus Rio Grande do Sul – die Sammlung Pietzcker“. In: *Baessler Archiv Band 55*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 2007. p. 19–41.
- Karp, Ivan and Lavine, Steven D. (Eds.). *Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display*. Washington: 1991. 14
- _____. *Museums and communities: the politics of public culture*. Washington [u.a.]: Smithsonian Institution Pr., 1993.
- König, Viola. „(Ein)Sammeln, (Ab)Kaufen, (Aus)Rauben, (Weg)Tauschen: Zeitgeist und Methode ethnographischer Sammlungstätigkeit in Berlin“. In: *Lob zum Sammeln*. 2005.
- Köpping, Klaus-Peter. *Adolf Bastian and the Psychic Unity of Mankind. The Foundations of Anthropology in Nineteenth Century Germany*. St. Lucia/London/New York, 1983.
- Laytano, Dante de. „O Negro no Rio Grande do Sul“. In: *Estudos-Ibero-Americanos* 21(1), 1995, p. 119–160.
- Maestri Filho, Mário José. *O escravo no Rio Grande do Sul. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984.
- Marcus, George E. „Contemporary Problems of Ethnography in the Modern World System“. In: Clifford, James & Marcus, George (Eds.). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, pp. 165–193. Berkeley, CA: University of California Press, 1986.
- _____. „Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnographies“. In: *Annual Review of Anthropology* 24, 1995, p. 95–117.
- Oro, Ari Pedro (Org.). *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.
- _____. *Axé Mercosul. As religiões afro-brasileiras nos países do Prata*. Petrópolis: Ed. Vozes 1999.
- _____. „Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul. Passado e Presente“. In: *Estudos Afro-Asiáticos* Vol. 24, N.º 2, Rio de Janeiro 2002, p. 345–384.
- Peers, Laura and Alison K. Brown (eds.). *Museums and sources communities. A Routledge Reader*. London, New York: Routledge, 2003.
- Penny, Glenn. *Objects of culture: Ethnology and ethnographic museums in Imperial Germany*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.
- _____. 2007. Pinto, Tiago de Oliveira. *Capoeira, Samba, Candomblé*. Tese de doutorado em Etnomusicologia (1CD Bahia/Brasil). Berlin: Staatliche Museen zu Berlin/Preussischer Kulturbesitz, 1990.
- _____. „Religiöse Kultobjekte afrikanischer Sklaven in Brasilien“. In: *Deutsche am Amazonas – Forscher oder Abenteurer?: Expeditionen in Brasilien 1800 bis 1914*. Staatliche Museen zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, Ethnologisches Museum. 2., unveränd. Aufl. Berlin: Lit Verlag, 2005. p. 56–65. [2002]
- Porto, Nuno. „O museu e o arquivo do Império“. In: Basto, Cristiana; Almeida, Miguel Vale de. & Feldman Bianco, Bela. *Trânsitos Coloniais – diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas/SP: UNICAMP, 2007.

- Possas, Helga Cristina Gonçalves. "Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural". In: Figueiredo, Betânia Gonçalves & Vidal, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 151-162.
- Prussat, Margrit. *Bilder der Sklaverei: Fotografien der afrikanischen Diaspora in Brasilien 1860-1920*.
- Reuter, Astrid. *VoodoundandereafroamerikanischeReligionen*. München: Beck, 2003. Sanner, Hans-Ulrich. "Yup'ik Elders at Ethnological Museum Berlin. Towards Cooperation with Native Communities in Exploring Historic Collections". In: Fischer, Manuela; Bolz, Peter and Kamel, Susan (eds.). *Adolf Bastian and his universal Archive of Humanity. The origins of German Anthropology*. Hildesheim, Zürich, New York: OlmsVerlag, 2007, p. 285-293. 15
- Schmidt, Bettina. "Fetisch". In: *Wörterbuch der Völkerkunde. Grundlegendüberarb. und erw. Neuausg.* Berlin: ReimerVerlag, 1999, p. 125.
- Schwarcz, Lilia K. "A era dos museus de etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do XIX". In: Figueiredo, Betânia Gonçalves & Vidal, Diana Gonçalves (Orgs.). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.
- Silveira, Ana Paula Lima. *Batuque de Mulheres: Aprontando Tamboreiras de Nação nas Terreiras de Pelotas e Rio Grande, RS*. Belo Horizonte: Ed. Dialética, 2020.
- SMB – ForschungbeidenStaatlichenMuseenzu Berlin, 2007. Disponível em: <http://www.smb.museum/forschung>
- Verger, Pierre Fatumbi. *Orixás: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. 6ª ed. Salvador: Ed. Corrupio, 2002.

Ana Paula Lima Silveira é bacharel em Ciências Sociais (2005) e licenciada em Ciências Sociais (2006) pela UFPel - Universidade Federal de Pelotas. Mestre em Antropologia Social (2008) pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2009, foi agraciada com Honra ao Mérito no Prêmio Construindo Igualdade de Gênero, por sua dissertação de mestrado. De 2009 a 2012 foi pesquisadora visitante na Alemanha (Universidade de Tübingen e Universidade Livre de Berlim), tendo atuado ainda junto ao *Ludwig-Uhland-Institut für Empirische Kulturwissenschaften* (LUI-EKW-Universität Tübingen), ao *Ibero Amerikanisches Institut* (Berlim), ao *Ethnologisches Museum* (Berlim) e ao *Lateinamerika Institut* (Freie Universität Berlin). Tem experiência na área de Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões afro-brasileiras, gênero e música ritual. Atualmente se dedica também às temáticas de Museus, Arquivos e Acervos (Coleções Etnográficas e Espólios Especiais). Atua em projetos de cooperação internacional, relações bilaterais Brasil-Alemanha. Ingressou em 2022 como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt) da Universidade Federal de Pelotas. <http://lattes.cnpq.br/1342742724881052>. E-mail: anapaulalimasilveira@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 24/03/2023

Aprovado em: 29/07/2023